

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE:

- 2 AS SETE BALANÇAS DA JUSTIÇA
- 8 A "HERESIA DUALISTA" DOS BOGOMILOS
- 13 PERSONALIDADE, PERSONA, MÁSCARA
- 16 APROVEITAR A VIDA OU DESLIGAR-SE DO MUNDO
- 18 "POR ACASO SOU O GUARDIÃO DE MEU IRMÃO?"
- 21 A LEI DO DESTINO
- 27 O PODER DA PALAVRA
- 30 "AO MAL, OFERECE O AMOR"
- 32 AGITAÇÃO OU EQUILÍBRIO INTERIOR
- 34 ASSUMIR OU NÃO ASSUMIR SUAS RESPONSABILIDADES
- 36 QUE A ALMA ABRA SUAS ASAS!

1996
ANO 18
NÚMERO 3

AS SETE BALANÇAS DA JUSTIÇA

O ser que sonda a natureza na qual ele vive e compreende sua essência encontra-se rapidamente face a face com duas forças dinâmicas que salvaguardam o equilíbrio deste campo de existência. A sabedoria chinesa do passado utiliza, a este respeito, os termos “ying” e “yang”; a Bíblia fala da “árvore do conhecimento do bem e do mal” e, na doutrina de Buda, estas forças são representadas sob a forma da “roda do nascimento e da morte”.

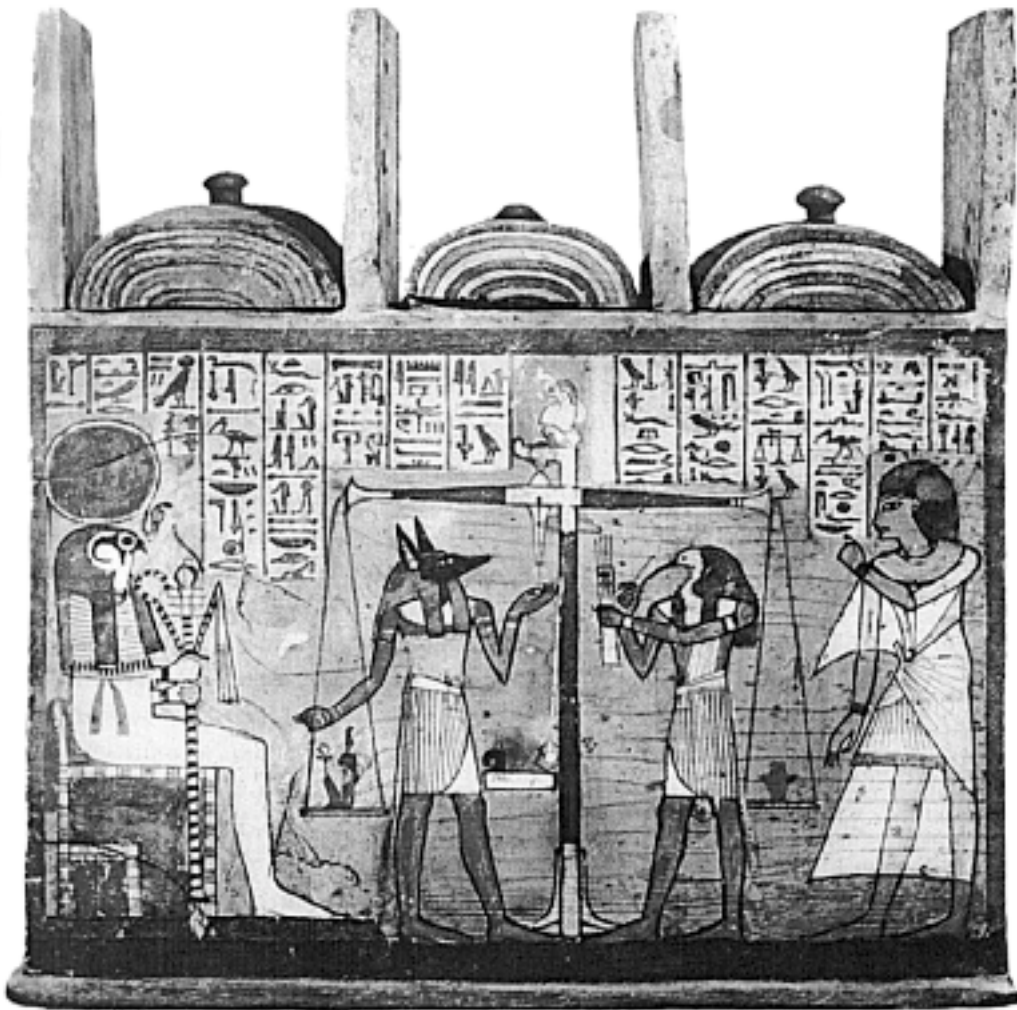
Todos nós vivenciamos forças opostas umas às outras, como por exemplo: amor e ódio, luz e trevas, alegria e dor, simpatia e antipatia. Esta bipolaridade manifesta sua atividade de modo cíclico, como dia e noite, inverno e verão, juventude e velhice, vida e morte. Ela a manifesta também na separação dos sexos: homem e mulher são “metades” um do outro e se esforçam para atingir a unidade por uma união recíproca. Por esta razão, esquecemo-nos facilmente do fato de que o desejo de união não provém tanto da diferença física como da ausência da “metade” do ser humano: a alma imortal que pode fazer dele um ser verdadeiramente divino.

É assim que todas as vidas movem-se entre dois pólos: positivo e negativo. Os homens, os animais, os vegetais e todas as coisas estão subordinados a esta lei. Depois de um tempo mais ou menos longo, em que o princípio central de uma certa expressão de vida manifesta-se na forma, esta forma é esvaziada por seu contrário; depois disto, surge uma nova manifestação, por sua vez com uma nova forma. Esta bipolaridade

acarreta um circuito sem fim: é um movimento aparente e incessante, em que a vida é colocada constantemente à prova. Para o ser humano, isto significa a contínua formação da consciência, até o momento em que aparece uma consciência que compreende que esta natureza bipolar não pode ser a natureza divina original. De fato, a natureza divina não conhece nem mudança, nem sofrimento, doença, trevas, ódio ou amor, como nossos sentidos percebem estes fenômenos. A natureza divina original é imutável em relação à natureza bipolar. Ela não conhece limites de tempo nem de espaço. Bem, Verdade e Justiça são suas propriedades fundamentais, e não os pólos opostos do mal, da mentira e da injustiça. São forças que agem de modo imanente e transcendente. Elas envolvem e penetram tudo e todos: toda a criação.

O QUE ESTÁ EMBAIXO VOLTA A FICAR EM CIMA

Por “melhores” que possam parecer certos homens ou suas obras, por mais que a Mãe-natureza esteja brilhantemente ornamentada, a roda do tempo continua a girar e o que está embaixo volta a ficar em cima; e o que está em cima desce novamente até o abismo. A falência segue a prosperidade, o ódio sucede o amor, a dor e a tristeza são companheiras da alegria. Hermes Trismegisto, o sábio do antigo Egito, diz: “... porque o mal não demasiadamente grande vale aqui como o bem, é a menor parte do mal” (*Tabula Smaragdina*, Livro 10, versículo 5). “Bem” e “mal” dependem do contexto. O tempo passa, as normas mudam. As antigas gerações



conhecem e vivenciam o que as seguintes pensam, sentem e agem diferentemente. É sobretudo o caráter do povo, a religião e a educação que desempenham um papel no estabelecimento do que é aceitável ou não. Normas e critérios são, portanto, relativos. O símbolo do *ying* e do *yang* representa esta dupla polaridade por um ponto branco sobre fundo escuro e um ponto escuro sobre fundo branco. O que é puro ou o bem, sempre traz em si seu pólo oposto; e o mal sempre supõe um princípio de bem dialético. Tudo se transforma em seu contrário sempre que a caminhada da humanidade pelo universo dê oportunidade para isto.

A LEI QUE PROTEGE O HOMEM CONTRA SI MESMO

Se comparássemos o peso do bem terrestre em relação ao peso do bem divino, confirmaríamos as palavras de Daniel: (5:27): “Pesado foste na balança e achado demasiado leve”. Um provérbio turco diz: “Uma hora de justiça verdadeira vale mais do que setenta horas de prece”. Existe uma gravura em madeira da Idade Média que representa uma mulher carregando uma balança na mão direita. Em um dos pratos encontra-se o globo terrestre, o outro é vazio, mas este prato vazio é claramente mais pesado, pois o prato que tem o globo terrestre está mais no alto. “Pesado e

A paisagem da alma (Urna pintada. British Museum, Londres).

achado demasiado leve!”

Quem adquiriu alguma compreensão destas leis e estabeleceu a relatividade dos valores, como o bem diante do mal e a justiça diante da injustiça, poderá também compreender por que todos os domínios da vida em nosso planeta oferecem o espetáculo de tantas misérias e sofrimentos... apesar de dois mil anos de cristianismo!

A PESAGEM DA ALMA

Se o buscador quiser ver a verdade de frente, a verdade que a multidão se viu impedida de conhecer durante séculos, ele chegará diante da segunda balança. É a balança do “destino”. A lei de Karma-Nêmesis (ver também “A lei do destino” na página 21) é a lei que equilibra a causa e o efeito, a ação e a reação e protege também o universo contra si mesmo.

No *Apocalipse* (6: 2 a 8), surgem quatro cavaleiros: um segura a balança do autoconhecimento, a balança do julgamento. “Então vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão”. É a representação da justiça divina, que não visa os eleitos, mas julga todas as pessoas, sem exceção.

Em sua obra *O Faraó alado*, Joan Grant descreve como a balança de Tahouti está colocada na grande sala onde se faz a justiça, sob o olhar direto do Faraó: “Um homem que se arrependia de sua velhacaria pediu que o liberrassem da maldição de suas ações”. Responderam-lhe: “Em razão de tua desonestidade, a maldição está sobre ti e nenhum sacerdote pode reequilibrar a balança. Somente tu podes reparar, pelo bem, o mal que cometeste”. E, quando o Faraó, depois de sua entronização, prestava juramento diante do povo, dizia: “Ptah, pela vida de quem eu caminho sobre a terra; Horus, que desenvolveu minha vontade para minha missão de governar; Anubis, que me mostrou a senda que leva aos deuses — é sobre

vossa proteção que presto um juramento sagrado: Eu mantere em equilíbrio a balança de Tahouti”.

As massas sempre foram impedidas, intencionalmente ou por ignorância, de conhecer a lei de causa e efeito. Cada um deveria tentar compreender tanto o bem quanto o mal. Mas a maioria aprendia a temer a deusa do destino. Entretanto, um dia todos deveriam encontrar-se sob o jugo desta lei, diante desta indagação:

“Onde encontrar a paz? Como manter-se em equilíbrio com o destino?” É nesse momento que a consciência deve enfrentar a terceira balança, a balança do silêncio.

Quando alguém amadureceu graças à experiência, compreendendo a relatividade das verdades e das leis terrestres e vivenciou os limites do amor terrestre, então chega a hora de encontrar um novo rumo. Impulsionada pelos golpes do destino — provocados por ela mesma — esta pessoa chega às portas da iniciação e aí contempla estas palavras inscritas: *Homem, conhece-te a ti mesmo!* O silêncio da paz interior, nesta fase da terceira balança, significa que o candidato muda de rumo e desliga-se do falso brilho dos valores aparentes e das coisas vazias. Ele deve dirigir-se para o terceiro pólo, oculto em seu ser mais profundo. Este pólo é o eixo imutável, o centro de tudo, um ponto perfeitamente imóvel, que no entanto, faz girar em torno de si toda a vida.

“BUSCAI, E ACHAREIS”

No momento em que alguém se desliga da matéria — sem que para isto precise negligenciar nenhum aspecto de seus deveres neste estado — e quando esta pessoa aceita todas as conseqüências de sua busca dos verdadeiros valores espirituais, sua aspiração, sua busca, o conduzirão por fim às portas de um campo de vida espiritual que contém estes valores superiores. É

uma lei: “Buscai, e achareis” (Mateus: 7:8). Um campo de vida deste tipo foi edificado pela Escola da Rosacruz Áurea e é mantido por seus alunos. Este campo pode ser alcançado por todos aqueles que, conscientes da meta a ser atingida, desejam preparar-se para percorrer o caminho de transfiguração. No campo de força da Escola Espiritual, quem ocupa um papel central é o terceiro pólo, o centro ígneo interior, a rosa divina ou lótus, a semente do Cristo interno. É neste sentido que a Escola Espiritual atual é puramente cristocêntrica.

Escolas espirituais como esta sempre estão surgindo nos momentos cruciais da história da humanidade. Mas, para quem elas são criadas? Elas sempre foram, e ainda o são, os instrumentos da Fraternidade, que trabalha aberta ou secretamente para ajudar a humanidade a atingir sua meta espiritual. Para tanto, esta Fraternidade encarrega seus enviados de auxiliar a todos os que se preparam para o processo de transfiguração e de acompanhá-los na senda. No momento em que uma atividade deste tipo passa a desenvolver-se, surge ao mesmo tempo a grande corrente de movimentos místicos e ocultistas, que neste século foram surgindo, em sua maioria vindos do Oriente. Em sua forma pura original, estas correntes tiveram uma tarefa definida nos séculos passados. Mas o tempo está passando e a humanidade se encontra atualmente em condições cósmicas totalmente diferentes, o que faz com que a volta de uma corrente espiritual do passado não possa mais trazer nenhum progresso. É por esta razão que a Rosacruz Áurea manifesta-se publicamente com os aspectos atuais da pura doutrina crística e estabelece o desenvolvimento do homem moderno dentro de uma corrente de sabedoria gnóstica, que toca a todos os buscadores de coração, liberando pouco a pouco dentro deles o conhecimento original.

A VERDADE DIVINA ESTÁ INSCRITA NO CORAÇÃO DE TODOS

De que doutrina estamos falando? Da doutrina do cristianismo esotérico, que mostra que é exclusivamente dentro de nós mesmos que devemos buscar o superior, o divino, e que aí o encontraremos. O ponto de contato é a semente divina, que pode tornar-se ativa no coração de todos os seres dotados de consciência. Esta semente deve germinar e crescer de acordo com um plano de desenvolvimento interno — tanto no microcosmo como no cosmo e no macrocosmo. A Fraternidade da Rosa-Cruz tem a missão de realizar este processo em nossa época.

Quem está nesta senda deve manter-se em equilíbrio com a luz que o toca. Deve deixar-se orientar continuamente por esta luz. É a quarta balança. Os sentimentos ditos bons e religiosos em nada ajudam neste processo. As idéias humanitárias não são suficientes. Elas podem atenuar as conseqüências de causas desconhecidas, mas não têm o poder de eliminar estas causas. Na melhor das hipóteses, elas intervêm temporariamente no decorrer das coisas, sem obter nenhum resultado libertador. O humanitarismo é o pólo oposto lógico do imenso sofrimento da humanidade sobre a terra. Mas o humanitarismo não tem conhecimento da verdadeira causa do sofrimento: ele utiliza meios deste mundo contra as conseqüências da existência deste mundo e, desta forma, mantém o mal.

A senda oculta não está à procura de nenhuma libertação. Os exercícios e experiências nas regiões sutis somente aumentam ainda mais o aprisionamento, especialmente no “além”. Estas regiões sutis pertencem ao corpo da terra e não representam de modo algum o Nirvana dos budistas, nem o Reino dos Céus dos cristãos. Esta região não passa de um espaço onde o mundo, tal como o vemos, se reflete. Os rosa-cruzes a chamam de “esfera refletora”.

O ocultista não se deixa levar por seus sentimentos. Por meio de exercícios, de meditação, de manifestação ou estímulo de certas forças, ele dirige toda a sua vontade para revelar o que ainda está oculto às pessoas inexperientes. Mas, por detrás destes véus que são assim levantados, ainda não se encontra a porta da liberdade eterna. E é assim que o homem, cego, vai entrando nas regiões ditas “superiores” da esfera refletora.

OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS E OS PODERES CONFERIDOS

O homem religioso, o teólogo, orienta sua vida a partir dos conhecimentos e do poder de autoridades que, por sua vez, se deixam dirigir por influências exteriores, e não pela revelação interior.

O humanitarismo, o ocultismo e a teologia continuam dependentes das regiões em que operam. Estão submetidos às leis da natureza tridimensional e não podem ultrapassar seus limites. Por esta razão, mesmo que sejam capazes de trazer temporariamente um pouco de luz e de compreensão, não conseguem livrar-se da roda do nascimento e da morte.

Atualmente, o ser humano — como indivíduo e como célula da humanidade inteira — está sendo conduzido para chegar cada vez mais perto da quinta balança. Cinco é o número da nova alma liberta. É por esta razão que a estrela de cinco pontas brilhou em cima da gruta em que Jesus nasceu. A alma divina desenvolve-se no que há de mais profundo e de mais oculto no ser humano. É um momento que está descrito na herança espiritual de cada povo. Com esta “semente deste Espírito divino” deve começar o processo de libertação interior. Se uma pessoa completa a senda rosa-cruz, a alma que se tornou adulta é re-ligada ao Espírito. Os rosa-cruzes chamam a isto de: “As núpcias alquímicas da alma e do Espírito”.

Antes que a personalidade que se entrega conscientemente a este processo possa entrar na região astral superior da Gnosis — o Templo de Iniciação — ela deve ser pesada na balança de ouro com sete pesos: esta prova é descrita no livro *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*. No Templo de Iniciação, a qualidade da alma deve ser suficiente para satisfazer às condições da Comunidade Absoluta das Almas Imortais, o que não tem nada a ver com o cumprimento da justiça terrestre: trata-se de uma prova onde somente o Espírito divino decide.

A pesagem com os sete pesos deve, portanto, acontecer antes que se possa dar o passo seguinte na senda da transformação completa do ser. Então, muitos entram rápida e indignamente no Templo de Iniciação, sem estar preparados, ou sob falsos pretextos. Então, diz Christian Rosenkreuz, eles devem deixar a ordem da justiça rebaixados e cobertos de vergonha.

A BALANÇA DO ÚLTIMO JULGAMENTO

Assim, cada candidato será pesado. E, se ele conseguir passar pela quinta balança, ele segue em frente, para a sexta balança, a mais importante: a cruz. Apesar de este símbolo estar gravado na consciência de centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro, ele apenas lembra, para a maioria, um acontecimento histórico que aconteceu na Palestina há vinte séculos. Na melhor das hipóteses, a cruz faz vibrar a corda da sensibilidade e é adorada como um símbolo.

Como a balança do julgamento pode então, ser colocada em equilíbrio? Pela fé? Por uma vida humanitária cheia de amor? Por meio de exercícios de *yoga* e meditações que reforçam a vontade? Por meio de preces devotas?

Angelus Silesius, místico da Europa central, bastante conhecido, responde assim a estas indagações, no século

XVII: “Ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém, mas não em tua alma, estarias perdido”. A edificação da cruz interior é a condição fundamental do cristianismo interior: é uma condição que não foi ensinada às multidões, que continuou desconhecida e não cumprida. Por isso dizem as palavras no Novo Testamento: “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos” (Mateus 22:14). Mas aquele que recebe o sangue de Cristo e crucifica com esta força sublime a parte terrestre de seu ser, este haverá de transformar o julgamento em bênção, e o novo homem haverá de ressuscitar nele. É por esta razão que está escrito, na Primeira Epístola de João 1:7 : “Se, porém, andarmos na luz, como ele está

na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”.

O ser que assim está re-ligado à sétima balança, vivenciará como o Amor divino difunde sobre a humanidade sua Verdade e sua Sabedoria para fazer voltar a sua Pátria todos aqueles que passaram pelas sete provas.

O planeta Vênus com balança.
(1475,
Rijksmuseum,
Amsterdam.)



A “HERESIA DUALISTA” DOS BOGOMILOS

No século XII, vivia na Bulgária um papa chamado Bogomilo, palavra que significa “amigo de Deus”. Constatando que a Igreja e seus dignitários haviam-se distanciado demais do verdadeiro cristianismo, ele contestou as idéias religiosas que admitiam a escravidão, a servidão e a exploração de uns pelos outros. Bogomilo pregava o cristianismo puro. Sua nova doutrina foi conhecida em toda a região dos Balcãs e muito além dela.

Nesta parte da Europa, no século XI, uma corrente importante já era receptiva às influências gnósticas. Isto sempre acontece em tempos e lugares que formam um solo propício para nutrir um crescimento espiritual interior, pois o ser humano é portador de uma semente de vida latente imortal e, quando as experiências o amadureceram o bastante, ele torna-se capaz de receber o auxílio divino. Este germe ou núcleo de vida desperta e uma rica vida de alma vai-se desenvolvendo. Assim, existe de um lado um impulso universal que toca o homem até que ele esteja pronto para escutar e aprender; e de outro, as circunstâncias que o preparam para que ele se entregue e confie em seu guia interior. As condições de vida, geralmente assustadoras do século XI, agiam como um catalisador para o crescimento e o desabrochar deste importante movimento conhecido como “os bogomilos”.

A rica e poderosa elite búlgara compreendia o clero e a nobreza. Os czares nadavam em opulência e o clero levava uma vida alegre e descuidada graças aos pobres. As conseqüências deste ti-

po de exploração não tardaram a manifestar-se e, regularmente, foram explodindo revoltas no decorrer das quais inúmeros padres eram mortos e suas igrejas, devastadas. Mas os camponeses indagavam-se também cada vez mais qual seria a origem do mal e como eles poderiam libertar-se dele.

Assim, nos séculos XI e XII, os tempos já tinham amadurecido o bastante para o que se chamou “a heresia dualista” dos bogomilos. Esta heresia apresentava, de um lado, aspectos conjunturais e locais; e de outro, ela era alimentada por um rico passado gnóstico. As doutrinas maniqueístas, principalmente, exerceram uma grande influência. O que a igreja ortodoxa taxava de heresia correspondia, na realidade, ao renascimento do cristianismo primitivo sob a forma de um movimento gnóstico. Os maniqueístas diziam que o mundo, com suas metades material e imaterial, era uma criação de Lúcifer, o anjo decaído. Os bogomilos o chamavam de Sata-nael, onde o sufixo “el” indica sua origem divina. Em razão de sua queda, estas duas últimas letras foram suprimidas, restando-lhe o nome de Satan (Satã).

Os paulinos da Trácia exerceram sobre eles uma influência importante. Eles haviam sido exilados pelo imperador bizantino e opunham-se ao cosmopolitismo da igreja ortodoxa. Entretanto, os bogomilos escolheram a resistência passiva. Eles formaram comunidades agrícolas que tinham suas próprias leis, levavam uma existência retirada e sustentavam suas próprias necessidades na medida do possível. Eram comunidades de inspiração autenticamente gnóstica.

As igrejas sempre reprovaram o fato de os gnósticos pregarem um dualismo absoluto e de identificarem o Deus cria-

dor do universo com Mamon. Mani também foi atacado, neste sentido, e por fim foi exterminado pela casta sacerdotal da Pérsia. Este tipo de acusações baseiam-se, na maior parte do tempo, na recusa ou na incapacidade de compreender a doutrina gnóstica. A visão dualista dos maniqueus e dos bogomilos certamente não identificava a criação de Lúcifer com a de Deus. Segundo todas as doutrinas gnósticas, há, na origem, um só Deus, que se encontra totalmente fora do espaço-tempo. É o único Bem, que preenche o Todo. Este Único Bem comporta o princípio da liberdade absoluta, ou seja, a possibilidade, na suprema realidade divina, de desviar-se do plano divino original. Na Bíblia, este desvio é chamado de “a queda”. Logo depois da queda, o homem cortou sua ligação com a fonte original; seus poderes espirituais ficaram restritos e ele tornou-se uma entidade de matéria grosseira, um homem-animal, submetido à morte. O mal, ou o pecado no sentido gnóstico, significa viver em desarmonia com o plano divino previsto para o mundo e para a humanidade. A doutrina gnóstica não fala somente do monismo original e da realidade ilusória em que a humanidade se fechou, mas também da possibilidade de sair desta situação: da volta dos seres humanos aos domínios espirituais que permaneceram absolutamente puros. É assim que se faz alusão aos domínios cósmicos ditos superiores, onde reina o princípio do “todo em um”.

“NÃO COMBATAS O MAL: SUPORTA-O!”

Desta sabedoria provém uma sentença que também é sábia: “Não combatas

o mal: suporta-o!” Esta foi uma das regras de vida dos bogomilos, como ela havia sido de seus antecessores e foi a de seus sucessores gnósticos. É preciso liberar o mal, pois ele é incapaz de salvar-se a si mesmo. O verdadeiro mal não é tanto o contraste violento entre ricos e pobres, apesar desta injustiça ser, sem nenhuma dúvida, a consequência do mal fundamental: a queda. É por esta razão que os bogomilos ensinavam como atacar o mal em sua raiz: adotando um comportamento pacífico, principalmente baseado na compaixão

Cruz de luz da necrópole de Radimlja, no vale do rio Stolac, nos Balcãs.



por todas as criaturas. Assim, eles se colocavam fora de todas as lutas, que são uma característica do “mundo da cólera” em que todos nós vivemos. Entretanto, esta conduta provocou a agressividade do poder estabelecido, que realmente sempre seguiu demasiadamente o princípio: “dividir para reinar”.

DESVIAR A ASPIRAÇÃO À VERDADE

Os bogomilos exerceram sobretudo sua influência nos Bálcãs. No século XI e XII, a Bulgária, a Trácia e a Macedônia foram seus centros de ação mais importantes. Como a Bulgária era então uma província do reino bizantino, eles puderam facilmente divulgar sua doutrina. Os primeiros dados que possuímos sobre sua atividade provêm de Constantinopla, por volta do século XI. Nesta época, este movimento ganhou a Sérvia, a Croácia e a Bósnia; em seguida a Itália, o Sul da França, a Alemanha, a Inglaterra e a Rússia. No início do século XIII, o bogomilo Basílio foi condenado e queimado sob a ordem do imperador bizantino Alexis. No século XIV, foram realizados dois sínodos em Constantinopla, para tentar fazer oposição aos bogomilos.

Do século XII até o fim do século XV, a Bósnia e a Herzegovina eram a principal coluna dos bogomilos. Houve mesmo uma “igreja bósnia”, cujos fiéis eram chamados de “pravni krstjani”: os verdadeiros cristãos. Um documento datado de 1199 adverte o papa Inocêncio de que “uma importante heresia se espalhava pela Bósnia” e que um de seus príncipes já se havia convertido a ela. Falava-se mesmo de 10.000 participantes. O papa ordenou, portanto, ao rei da Hungria e da Croácia expulsar os hereges da Bósnia e de apossar-se de seus bens. Finalmente, uma invasão turca pôs fim de uma vez por todas à igreja bogomila da Bósnia. A maioria dos camponeses escolheram voluntariamente o Islam. No século XVII, entretanto, os

viajantes contavam que os muçulmanos da Bósnia não somente liam o Alcorão, mas também o Novo Testamento.

Os bogomilos tiveram uma grande influência sobre os cátaros. Muito cedo, eles mantiveram relações, e, quando os bogomilos foram perseguidos cada vez mais violentamente, alguns dignitários fugiram para o oeste, onde eles inspiraram o catarismo em larga escala. Um de seus representantes mais importantes foi Nicetas, que percorreu o Languedoc e reuniu um concílio próximo a Toulouse, em 1167. Ele chegou a reunir representantes de vários grupos gnósticos do Norte e do Sul da França, e também na Lombardia e, por isso, deu energia à extensão do catarismo no século XIII.

Um dos raros escritos bogomilos que continuaram intactos é o *Livro dos Segredos (Tainate Kniga, Liber secretus)**. É um texto sob a forma de diálogo entre Cristo e João, que trata, entre outros assuntos, do início da criação: na origem, só existia o Deus bom. Sem forma, nem corpo. Este Deus, criou os sete céus sem limites, sem fim e nem começo. Deste Deus de Luz proveio Satanael que, por sua vontade pessoal obstinada, criou seu próprio mundo. Assim Satã, que originalmente era um irmão de Cristo, tornou-se o anjo da morte. “Por causa de sua arrogância”, diz Cristo neste texto, “meu Pai o recriou inteiramente e retirou-lhe sua luz”.

A MORTE CONSUMOU-SE NO FOGO

O papel do homem no decorrer deste drama original é apresentado como se segue: “Os espíritos das trevas quiseram atirar-se no Reino da Luz. Eles chegaram até as fronteiras, mas não puderam nada empreender contra ele e então tiveram que ser punidos. Mas o Reino da Luz é constituído apenas pelo Bem; portanto, somente o Bem poderia punir os demônios das trevas. Para puni-los, os espíritos do Reino da Luz tomaram uma parte de seu próprio reino

e o misturaram com as trevas. Assim, uma semente penetrou no Reino das Trevas e aí desencadeou-se um turbilhão no qual a morte foi capturada e onde ela recebeu o germe de seu próprio aniquilamento. Lentamente ela começou a consumir-se. Ao mesmo tempo, surgiu a raça humana, sendo que o homem original proveio do Reino da Luz e já estava ansioso para misturar-se às trevas para um dia triunfar sobre elas.”

Agora que, no século XX, o mal novamente está sendo levado ao extremo, muitos, instruídos pela experiência e atormentados por seu coração, são apanhados por um novo desenvolvimento. A mensagem dos bogomilos é muito antiga, mas, no entanto, continua bastante atual.

O archote da doutrina gnóstica retomado pelos cátaros, hoje é transmitido aos rosa-cruzes. Estes já não podem retirar-se em pequenas comunidades, mas devem demonstrar sua doutrina por palavras e atos, no meio de um mundo febril e superpopuloso. A Gnosis novamente se expande.

O socorro divino manifesta-se atualmente para o mundo e para a humanidade, especificado por um número crescente de cabeças, corações e mãos humanas.

* O texto búlgaro deste livro ainda não foi descoberto. Duas traduções em latim são conhecidas. Uma, faz parte dos arquivos da Inquisição, em Carcassone (França); a outra, consta do “Pergamenten Kodex” de Viena (século XIV, número 1137).



PERSONALIDADE, PERSONA, MÁSCARA

A partir da queda, os homens tiveram tendência a dissimular sua verdadeira natureza e a máscara sempre desempenhou para eles um papel importante. Segundo a Gênese (3: 8-10), o primeiro casal humano escondeu-se depois de ter comido do fruto da Árvore proibida do Conhecimento do Bem e do Mal.

Adão e Eva sentiam-se nus porque colocaram-se fora do campo de vida divino. Em consequência disto, as forças divinas retiraram-se para dar lugar às forças de vida terrestres, que edificaram o corpo terrestre, que tornou-se, desta maneira, o invólucro do núcleo imortal escondido para sempre no mais profundo do ser humano.

As festas e os bailes de máscaras nos relembram este fato. O carnaval faz parte disto. Esta festa é celebrada, nos países católicos, no mês de fevereiro, durante três dias que precedem os quarenta dias da Quaresma. O mês de janeiro leva este nome porque havia o deus Janus, o deus latino de duas faces que olhavam ao mesmo tempo o passado e o futuro. Ele também é considerado como o protetor das portas e representa a transformação. Neste sentido, podemos encarar o carnaval como a festa em que tudo o que é proibido é colocado para fora, preparando o que há de novo. Os protestantes suprimiram esta festa no século XVI, pois já fazia muito tempo que ela já não correspondia a sua finalidade e havia degenerado em deboche.

A luz pode nascer na noite mais escura como o toque do Espírito Santo. É o momento em que o obscurecimento e a densificação do sistema corporal

atingem um limite em que as máscaras estão mais fortemente atadas. Então a luz abre um caminho no sistema humano e desmascara o eu. Os raios que curam e que santificam perturbam e aniquilam o processo de densificação e de cristalização. Eles arrancam as máscaras, mas antes de tudo, é preciso que a pessoa mascarada reconheça e sinta que ela usa uma máscara!

A MÁSCARA MORTUÁRIA

Inúmeras máscaras foram feitas no decorrer dos séculos e apresentadas aos homens para que eles se reconhecessem nelas. As máscaras mortuárias eram também confeccionadas tendo em vista rituais da família do morto. Seu rosto era moldado em cera ou em metal, para conservar suas características e traços particulares. Aqueles que contemplassem a máscara, percebiam nela algo de seu ser. Ao mesmo tempo, a máscara mortuária lembrava aos vivos que um dia eles também haveriam de passar da vida para a morte, o que poderia estimular o desejo de conhecer o significado da vida. Estaria sua vida direcionada para as coisas terrestres, ou a libertação dos laços da matéria ressoava em seu sangue? O morto seria considerado como um ancestral unicamente do ponto de vista biológico, ou evocaria ele a idéia de uma origem mais profunda, a idéia de Deus?

A MÁSCARA ANIMAL

Por tudo o que foi possível verificar, somente havia, nos tempos remotos,

Máscara de dança simbólica da tribo senufo (Fernand Collomb, 1902, óleo, Galerie Noire d'Ivoire, Paris).

A perfídia. O homem interior e o "eu" mostram-se cada um por sua vez (Collection Boudot-Lamotte).

máscaras de animais selvagens. A humanidade deste tempo era confrontada com sua origem e com suas características animais. Pouco a pouco ela foi aprendendo a frear seus instintos animais, a rejeitá-los em seu subconsciente, onde eles levavam uma vida latente e de onde eles ressurgiam à superfície em certas circunstâncias. Quanto a isto, muito pouco mudou atualmente. Ainda hoje os humanos vestem-se de forma estranha, usando máscaras para esconder sua verdadeira natureza e suas verdadeiras intenções; e eles são sempre assaltados pelas forças do passado, tanto individuais quanto coletivas. Então, estas forças animais se desencadeiam e o homem moderno ruge como

uma fera antes de lançar-se sobre seu adversário para decapitá-lo.

As máscaras de lobo, de urso e de corvo evocam uma antiga senda iniciática de três degraus. O candidato aos mistérios devia encarar o efeito desmascarador da irradiação divina em sua vida e com sua consciência animal terrestre. A luz divina não lhe mostrava somente seu estado: ela também permitia que ele se desligasse dele.

A PALAVRA "PERSONA" (PESSOA) SIGNIFICA "MÁSCARA"

Se as máscaras dissimulam, elas também revelam a natureza interior. A palavra pessoa vem do verbo latino "personare" que significa "soar através". Esta palavra vem das representações dramáticas dos antigos mistérios, em que os atores faziam soar suas palavras através de suas máscaras, revelando a natureza profunda da pessoa humana e suas características particulares.

Estas peças de teatro eram baseadas na sabedoria muito antiga que o homem original faz ressoar através da personalidade. A máscara, ou persona (pessoa), é, portanto o invólucro do núcleo divino. A partir de sua origem e da duração de sua vida, esta máscara não passa de uma ilusão, pois é temporária e não provém da fonte divina original. A Bíblia afirma, na Primeira Epístola aos Romanos 2:11 : "Porque para com Deus não há acepção de pessoas".

A angústia fundamental que representa a experiência interior do "nada" da forma terrestre, está oculta em cada um. É por isso que nós colocamos a todo o instante uma nova máscara, e representamos, assim, a peça de nossa vida. O número de máscaras com as quais o eu tenta esconder seu vazio é infindável. Jamais se cansa de procurar boas idéias para dar à máscara daquele momento uma vida aparente e imaginar que é um deus. Este é um traço marcante de Lúcifer: querer ser superior



a Deus, enquanto ainda nem ultrapassou o estágio de animal!

No momento em que o ser humano deixa operar em si a luz divina, então ele começa a ver que ele não é nada mais do que uma máscara vazia. Também é este o momento em que se esboça a libertação. Sempre podemos tirar nossa máscara! A transfiguração do homem animal em homem espiritual é possível.

A palavra “máscara” é de origem árabe e significa “gracejo, piada”. O homem biológico é uma caricatura do homem divino.

MEDUSA, A MÁSCARA DO HORROR

A cabeça cortada da Medusa geralmente é representada como se fosse uma máscara. Medusa significa “soberana”. Aquele que contempla a medusa, nos diz a lenda de Perseu, coloca-se frente a frente com sua própria angústia fundamental. Esta angústia impenetrável recobre o autoconhecimento com um véu espesso e exclui a compreensão de seu próprio ser, assim como do mundo a sua volta. A pessoa que é animada exclusivamente por forças astrais não é capaz de vivenciar seu próprio vazio interior. Mas Perseu busca a sabedoria divina e isto lhe é possível, pois o princípio da vida terrestre está morto dentro dele. Esta base de trabalho lhe permite suportar a visão da Medusa no momento em que a angústia fundamental se impõe a ele.

Quando nossa máscara é retirada de nós, experimentamos a força saudável da nova alma e todos os valores mudam de significado. O divino, que não existe para o homem terrestre, torna-se então o Nirvana, o lugar da infinita plenitude.

O que era utopia e vazio torna-se, então, o Todo. Como Perseu somente vê a Medusa no reflexo de seu escudo, é permitido que ele lhe corte a cabeça voltando-lhe as costas para não ser transformado em pedra. Então, do corpo

inanimado da Medusa surge, conforme diz a lenda, Pégaso, o cavalo alado de inspiração divina.

Aquele que percorre o caminho da endura (o caminho do enfraquecimento do eu) atrai para si as forças divinas. Surge uma nova personalidade, um novo homem, que é o homem original através de quem o Espírito divino pode falar. Ele já não carrega a máscara da natureza inferior, porém já não é “encontrado nu” (Coríntios II, 5:3), pois ele está revestido de eternidade.

Segundo a mitologia grega, aquele que olhasse para a Medusa, a Górgona mortal, era transformado em pedra. Perseu, filho de Zeus e de Danae, recebeu a missão de ir buscar a cabeça da Medusa. Para isto, Hermes e Atena lhe deram sandálias aladas e um manto que o tornava invisível. Assim equipado, ele se pôs a caminho, forçou as Graeae a lhe revelar o lugar onde se encontravam as Górgnas. Ele conseguiu entrar lá e percebeu em seu escudo o reflexo da cabeça da Medusa adormecida. Aquele que olhar para esta cabeça coberta de serpentes, diz a lenda, será petrificado. Por isso, Perseu, voltando-lhe as costas, decapitou a Medusa em pleno sono e, de seu corpo inanimado, surgiu o cavalo alado, Pégaso.

APROVEITAR A VIDA OU DESLIGAR-SE DO MUNDO

Os sentidos ligam a consciência ao mundo exterior. Eles asseguram o contato com o mundo que nos rodeia e portanto são necessários para a sobrevivência na matéria. Mas geralmente eles somente são utilizados para tornar a vida o mais agradável possível e para que possamos gozá-la ao máximo.

Também é dito que os sentidos são “os instrumentos” do desejo. O desejo, a vontade, mantém o homem em movimento e agita seu coração pois, para serem satisfeitos, seus desejos o pressionam continuamente para a ação.

O homem atual está inundado de informações — principalmente sob a forma de publicidade — que estimulam seus desejos e o impulsionam a atividades sempre novas. Todos estes agulhões fazem nascer dentro dele uma fome insaciável de posse e uma sede inextinguível de prazer, que lhe sugerem quase sempre a possibilidade de uma felicidade perfeita e de um máximo de liberdade. Ora, desde que um destes desejos seja satisfeito, logo ele irá perseguir outro. Nem bem um desejo é cumprido, outro o assalta. Assim, os homens são conduzidos por seus desejos de posse e se perdem cada vez mais em sua liberdade, e seu prazer vai-se tornando cada vez mais fugidio e vazio. Ele chega ao ponto que Goethe cita em Fausto:

“Mas não tens sempre que engolir o que te agrada?

O ouro vermelho,
que rola como o mercúrio
e escorrega entre teus dedos, sem descanso;
um jogo em que ninguém jamais

vencerá;
uma mulher que ainda está em teus braços,
mas já está lançando olhares para teu vizinho;
a veneração, que desperta até a sede dos deuses
e se esvai como um meteoro?”

Quanto mais tentamos conservar e aproveitar nossos bens materiais ou espirituais conquistados com tanta dificuldade, mais percebemos que tudo pode ser retirado de nós. Fausto, o protótipo do buscador da verdade, resume desta forma esta vivência:

“Não se trata de alegria.

Eu me entrego ao prazer inebriante,
ao prazer doloroso..”

A busca exagerada do prazer gera sofrimento e tristeza. A maioria dos homens vai percebendo isto, no decorrer de suas vidas, e quem chegou a seu limite tenta sair deste dilema. Mas, se ele cai no excesso inverso e desliga-se do mundo que o rodeia, certamente haverá de perceber, depois de um certo tempo, que esta também não é a melhor solução, pois a ascese ou a mortificação, apesar de sugerir o desligamento do mundo, não libertam do aprisionamento da matéria. Por mais que a ascese ou a mortificação sejam dois extremos opostos ao prazer, ainda estão ligadas aos sentidos.

RENUNCIAR AOS DESEJOS

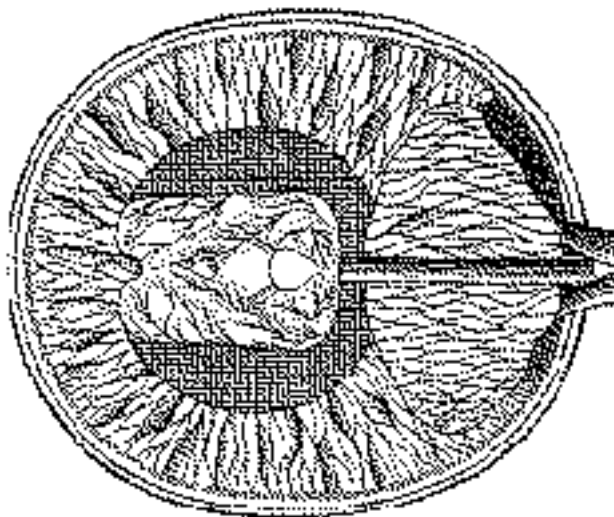
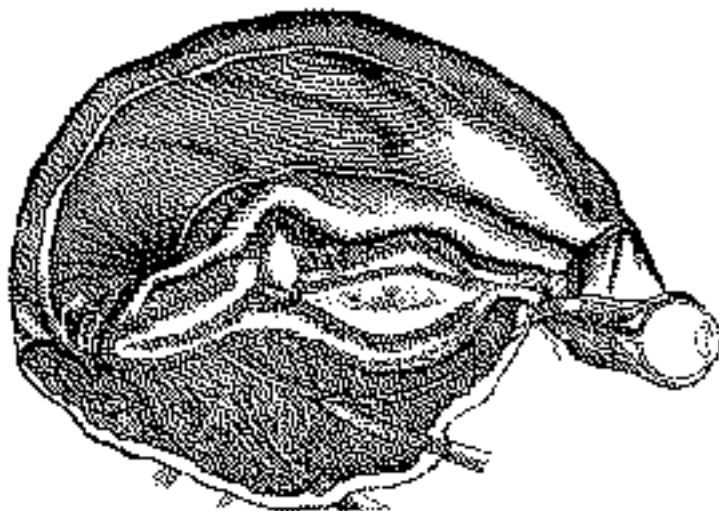
A necessidade de um certo desligamento da consciência em relação aos estímulos da matéria surge claramente ao homem atormentado de nosso tempo. Mas como chegar a isto? E como aproveitar a vida sem deixar que o sofri-

mento venha interferir? Este é um problema que todos os homens enfrentam, seja rico ou seja pobre, doente ou saudável, feliz ou infeliz. Qualquer um que seja capaz de renunciar a tudo o que é supérfluo, a tudo de que ele realmente não tem necessidade, vai sentir que no lugar de tudo isto surgirá um desejo de natureza superior.

Uma nova alegria começa a nascer em seu coração: um prazer interior que nada tem a ver com o prazer exterior. Sócrates fala da felicidade interior que ele sentia quando ia ao mercado e alegrava-se em perceber que não tinha necessidade daquilo que se vendia por lá. Ele sentia-se livre de todas estas coisas, pois elas já não podiam prendê-lo, pois elas já não sensibilizavam sua consciência. Ficava alegre, sentindo esta liberdade interior que ninguém poderia roubar dele. Já não sentia necessidade de coisas materiais, já não sentia nenhum desejo em relação a elas.

Quando percebemos que tudo o que pudermos juntar e possuir no mundo não passa de um simulacro, de uma imitação, então é possível virar as costas, sem esforço, e tomar nova direção, rumo à aquisição de um bem imperecível, como se buscássemos uma herança que espera por nós. Este bem já não tem nada a ver com o prazer. Na verdade, já não se trata de um bem, mas de um estado de ser interior, que traz consigo uma alegria silenciosa que somente aparece quando o buscador da verdade já renunciou a tudo o que ele ainda achava que era importante: então, ele já não vive somente para sua própria satisfação, mas para servir a seu próximo.

○ DESPERTAR DE NOVOS SENTIDOS



Esta alegria silenciosa é a dimensão religiosa do “prazer”. Para quem já não está submetido aos desejos das coisas exteriores, elas vão-se tornando transparentes. O que está por detrás delas, assim como tudo o que ainda está oculto, vai-se tornando pouco a pouco claro e evidente. Ele já não corre atrás das coisas, mas as vê desfilando diante dele, sem que elas o sensibilizem.

Um “prazer” deste tipo provém do desejo profundo da alma de unir-se a

Corte de cérebro humano. No centro encontra-se a pineal, que segundo Descartes deve ser considerada como a sede da alma (Biblioteca de Genebra, Suíça).

“POR ACASO SOU O GUARDIÃO DE MEU IRMÃO?”

seu Criador. A alma aspira à verdadeira posse: seu lugar legítimo no mundo divino, do qual ela está apartada por seus desejos terrestres.

Este desejo profundo de alcançar seu verdadeiro ser e a verdadeira vida, finalmente é preenchido em um sentido superior. O que o homem pleno de aspiração ainda conservava transforma-se em liberdade: sua renúncia torna-se sua posse, seu mais profundo desejo torna-se a suprema realização.

Mestre Eckhart diz que ninguém é mais dono do mundo do que aquele que dele se desligou. Aquele que aprende o desligamento consciente, a fim de dar lugar ao novo, que conhece a felicidade desta nova liberdade, percebe que nele vão-se desenvolvendo novas atividades sensoriais que re-ligam sua vida interior à vida original da humanidade, a vida do Reino de Deus. Estes novos sentidos não são destinados aos prazeres da vida terrestre, mas ao serviço no mundo divino.

“Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei. Acaso sou o guardião de meu irmão?” (Gênes. 4:9).

Esta resposta de Caim a Deus é tão célebre que para muitos ela tornou-se um lugar comum. Ora, mesmo que esta pergunta não tivesse sido feita, há milhares de anos, ela seria um dado fundamental e bem conhecido do comportamento dos seres humanos em relação aos outros. Não são apenas as instituições religiosas, humanitárias, sociais e políticas que estudaram esta resposta de Caim, mas ela se coloca a cada ser humano, individualmente: “Onde está o teu próximo?” Ora, este é um problema do qual todos fogem, espontaneamente. Gostaríamos realmente de ser guardiães de nossos irmãos? E do ponto de vista pedagógico, um tipo de proteção como esta seria razoável? Não seria errado, psicologicamente, ajudar os outros? Afinal, isto poderia levar a distúrbios de comportamento daqueles de quem somos os “guardiães”.

GUARDIÃES DA ALMA

A pergunta de Caim que consta na passagem bíblica é, na realidade, uma resposta à pergunta de Deus: é uma resposta que expressa sua recusa de ser responsável por seu irmão. Um guardião é alguém que protege e vela por alguém, mas quem é este alguém? Em primeiro lugar, é a alma divina. Caim deve, portanto, ser consciente da atividade de seu “irmão”, que é a alma. Se ele chega a isto, ele também pode encontrar uma resposta à indagação

sobre o que é bom ou mal para a alma. Assim, ele é o guardião de seu próximo, o guardião da alma original que Deus colocou perto dele. Este guardião tem o poder de levar seu irmão a seu ponto de partida através de todas as agitações e sofrimentos da vida terrestre.

O GUARDIÃO DE SEU PRÓXIMO

Até que ponto um ser humano pode ser, na terra, o guardião e o protetor de seus irmãos e irmãs? Até que ponto somos igualmente responsáveis pela salvação da alma de nossos semelhantes? O escritor alemão Max Brod, em seu livro *Die unheimliche Stadt* narra o seguinte: “Um rabino está sentado em seu escritório, mergulhado em um livro sagrado. Seu filho de onze anos, seguindo seu exemplo, estuda o Talmud na escola. Fazendo sua lição de casa, ele chega a um ponto que não compreende e decide pedir uma explicação a seu pai. Mas, abrindo prudentemente a porta de seu escritório, ele grita. Seu pai está perto da janela, cadavérico, tremendo de excitação. O menino corre à janela para ver o que se passa. Lá fora, na luz pálida do começo da manhã, há um homem pobremente vestido perto da lenha empilhada ao longo do muro do jardim, que pega um graveto e o esconde debaixo de seu casaco comprido. Então o rabino se inclina para fora e grita: “Não é de ninguém!” Depois, ele se acalma e sua fisionomia irradia felicidade. Como se nada tivesse acontecido, ele volta a sua mesa e mergulha novamente em seu livro. Neste momento o menino compreende por que seu pai estava tão excitado. Ele não estava com raiva pelo roubo cometido, mas via que

um irmão agia contra um dos mandamentos de Deus e que seu pecado um dia seria julgado no tribunal divino. Assim, ele havia gritado: “Não é de ninguém!” para que o ladrão não fosse mais um ladrão, mas somente um pobre homem que juntava lenha para se aquecer.

PARA QUEM REPOUSA EM DEUS, NÃO EXISTE NEM EU, NEM OS OUTROS

Não bastava que o pai perdoasse o ladrão gritando: “Não é de ninguém”? Realmente este é um grande e nobre testemunho de sua bondade e de seu amor ao próximo. Seria o resultado do triunfo de sua inteligência sobre a falta de seu próximo, do outro? Não, mas sua alma estava tão completamente entregue a Deus que ele já não via a diferença entre ele e seu próximo e já não reagia da maneira mais comum. Não se trata da virtude que consiste em ser bom e agir bem, pois a alma não conhece este tipo de considerações. Ela mostra a todos os que lutam um outro caminho de compreensão. Podemos admitir que neste momento o rabino chegou bem perto do amor divino.

“O Tao não é divisível. Dividir o Tao é quebrar a unidade”, diz Tchuang Tsé. Lao-Tsé diz, sobre isto: “O sábio sempre se excede auxiliando os homens, e não rejeita nenhum”. Quem é capaz de estabelecer em si esta realidade vivente poderá ser, no verdadeiro sentido do termo, “o guardião de seu irmão”.





A LEI DO DESTINO

Em uma loja de souvenirs havia uma estatueta de uma mulher com os olhos vendados. Em sua mão esquerda ela segurava uma balança; com sua mão direita, uma espada. Somente um turista estava consciente do significado desta representação.

Já no antigo Egito representavam o coração de um morto sendo pesado em uma balança em contrapartida com uma pluma — o hieróglifo “maat” — que estava colocado sobre o outro prato da balança. O Antigo Testamento conta que, sobre a parede do palácio de Baltazar, uma mão traçou as seguintes palavras: “Mené, Mené, Tekel, Upharsin”, que significa “Deus contou teu reino e nele pôs um fim. Foste pesado na balança e foste encontrado leve demais”. Aí está uma imagem, um símbolo, uma verdade oculta que, se for desvelada, pode ser de tal importância que pode mudar totalmente a vida de um ser humano.

A deusa de olhos vendados que empunha a espada chama-se Nêmesis. Ela é o símbolo da justiça que regulamenta e coloca tudo em equilíbrio com sua balança. Esta lei é exercida “sem dar preferência a ninguém”, sem preconceito, sem ódio e sem alegria, o que explica a banda sobre seus olhos. A lei de Nêmesis faz de tal modo que todos os atos, pensamentos e sentimentos humanos — individuais e coletivos — sejam seguidos de uma reação destinada a restabelecer o equilíbrio. Por esta razão apresenta-se com a espada de duas lâminas: ela recompensa ou retifica. Cientificamente falando, dizemos que toda a ação acarreta uma reação.

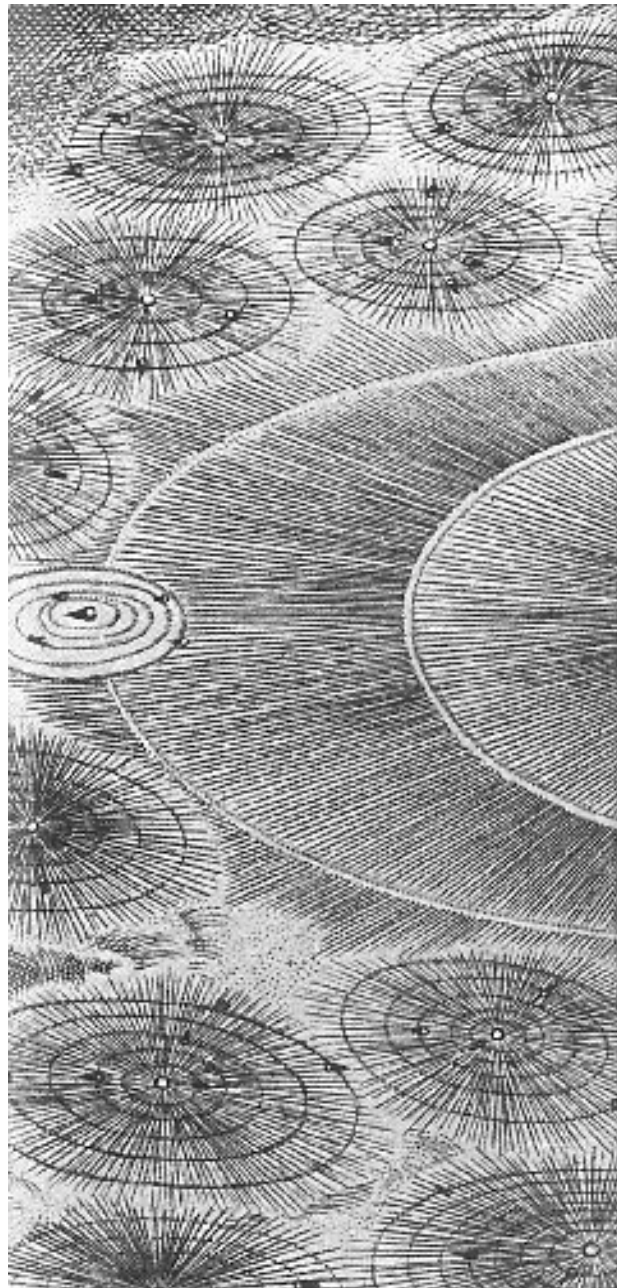
“Mené, mené, tekkel, upharsin!”
A mão escreve um julgamento em letras de fogo na parede. O festim de Baltazar. Rembrandt, por volta de 1600, National Gallery, Londres.

Na Bíblia, é dito (Epístola de Paulo aos Gálatas, 6:7): “Aquilo que o homem semear, isto também ceifará”. E, no Livro dos Provérbios de Salomão (22:8): “O que semeia a injustiça segará males”.

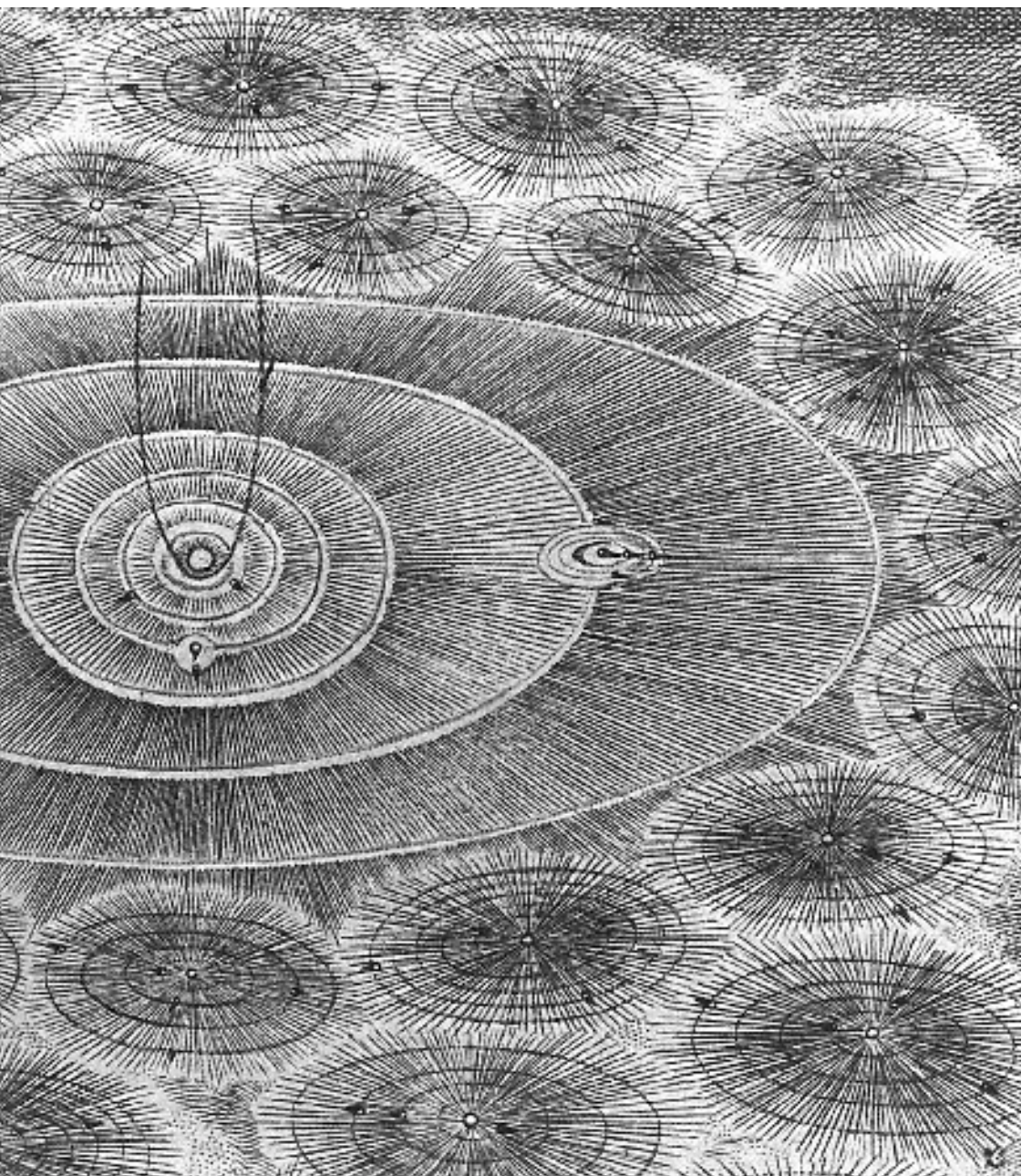
Na natureza divina original, esta lei corretiva não age, pois não existe nenhuma polaridade. Por outro lado, a natureza decaída é polarizada e tudo aqui se manifesta continuamente entre dois extremos. Entre estes dois pólos intervem a lei corretiva de Nêmesis. Em um mundo onde o bem não é uma característica particular, mas a expressão da totalidade, onde a Luz é uma força que tudo penetra, que tudo engloba, a treva não tem espaço e portanto não há nenhuma necessidade de retificação ou de recompensa.

Apesar de o homem curvar-se sob o jugo da lei corretiva — também chamada de lei do karma — esta lei também permite que ele encontre ou retome o caminho da libertação interior. No movimento de vai e vem entre felicidade e infelicidade, pobreza e riqueza, fracasso e sucesso, amor e ódio, despeito e satisfação, simpatia e antipatia — movimento que pode envolver inúmeras vidas — a voz daquilo que chamamos de reminiscência faz-se ouvir de tempos em tempos. Às vezes ela é muito fraca, quase inaudível. Desde o momento em que esta voz ressoa em meio a preocupações pessoais e impulsiona a pessoa a retirar-se deste movimento alternado, nasce um buscador: ele parte em busca da origem deste chamado, desta voz interior.

É assim que ele vagueia de uma baliza a outra, muitas vezes quase inundado pela multiplicidade de idéias que faz nascer correntes ocultistas, místicas e religiosas no oceano de sua vida pes-



soal. Este vaguear, esta busca, pode ocupar muitos anos, e até mesmo muitas encarnações do microcosmo. Mas ele continua a buscar, até que descobre que a verdade não está dissimulada em livros grossos ou pergaminhos amarelados, nem em casas de oração, nem está com os gurus e mestres sublimes, mas que ela se esconde, desde tempos imemoriais em seu próprio coração.



Leonard Euler (1707-1783), matemático eclético de Basileia, ilustrou a interdependência e a mútua influência dos campos magnéticos dos sistemas solares e dos corpos celestes (Extraído da *Theoria motuum planetarum et cometarum*, Berlim, 1744).

QUEM BUSCA ESTE CAMINHO DENTRO DE SEU PRÓPRIO CORAÇÃO?

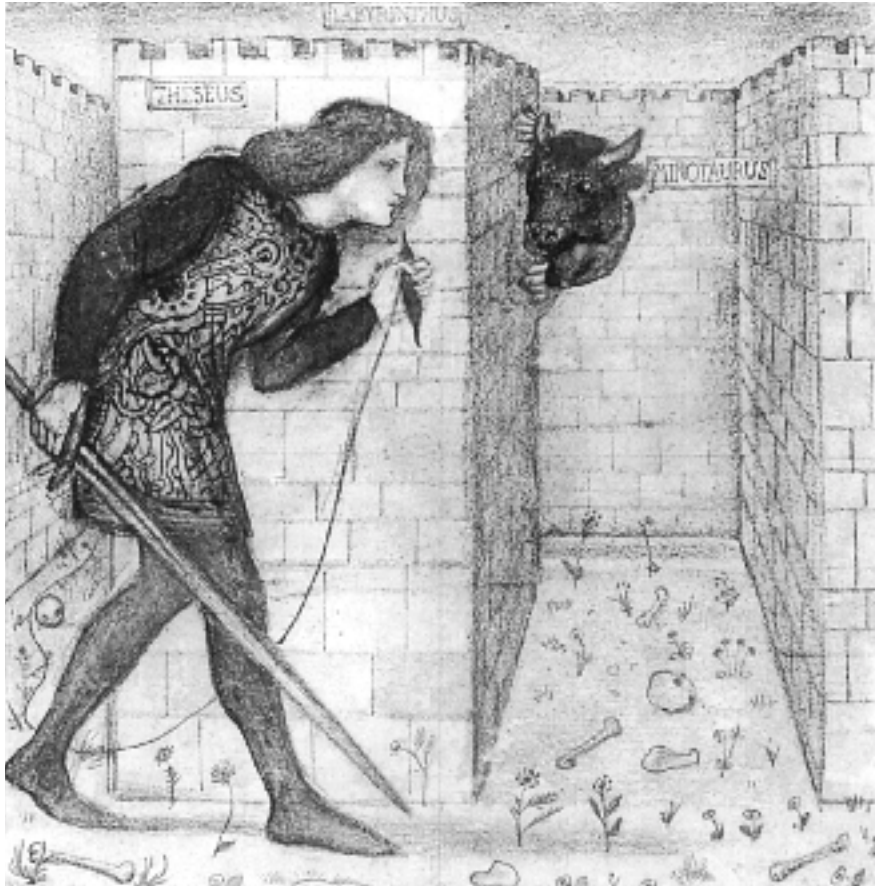
Apesar de ser um animal, segundo sua manifestação material e mortal, o ser humano deve fazer crescer sua imagem original em seu microcosmo, pois ele é chamado a tornar-se semelhante a Deus. O enigma da Esfinge o coloca diante do tríplice mistério de sua vida:

- De onde venho? Qual é minha ori-

gem?

- Quem sou, no mais profundo de mim mesmo?
- Para onde vou? Qual é meu destino na criação?

As respostas a estas indagações somente chegam até nós na luz que recebemos no caminho da libertação interior. Enquanto a reminiscência sobre a qual já falamos ainda não tenha falado dentro de nós, não poderemos resolver convenientemente este tríplice enigma.



Teseu no Labirinto. O fio dado por Ariadne deve auxiliá-lo a encontrar a saída (Estudo por E. Burne Jones, 1862).

O impulso vital e o instinto de conservação nos mantêm sempre prisioneiros da natureza decaída por milhares de seus laços. As potestades e as forças que tentam manter o homem decaído não o deixam em paz um só segundo. Elas o agrilhoam e o perseguem no círculo de sua existência terrestre... até o esgotamento de suas forças vitais e até que a roda que faz girar sua vida pare. Esta vida não é limitada? Sim! Ela realmente não tem nenhum sentido! Então segue um novo périplo através da matéria grosseira, na esperança de que o acúmulo de experiências — geralmente amargas — finalmente faça com que o ouvido interior fique receptivo à voz interior. “Então, quais são as razões de minha existência, aqui embaixo, na terra? Será que nasci por acaso, como um simples fenômeno da natureza? Será que fui formado pelo destino? Será que fui colocado no mundo para atuar tanto mal quanto bem, subindo e descendo,

sentindo regozijo e sofrimento, sem ter escolhido isto? Por que o destino me fez nascer nesta raça, neste povo, nesta família? Qual é a lei que determina a religião na qual devo viver? Que destino determina minha vida, minha saúde boa ou má? O que é que decreta quanto tempo ainda devo continuar neste caminho sem saída? E o que vai acontecer quando minha viagem chegar ao fim e quando eu abandonar meu corpo como uma roupa velha e gasta? Onde irei então? Por que o destino é diferente para cada pessoa?”

SOU UM BRINQUEDO NAS MÃOS DO ACASO?

Não há acaso nem no visível nem no invisível. Não há uma evolução cega e mecânica por um processo qualquer. Estrelas e planetas seguem uma órbita determinada, as coisas vão e vêm, de

acordo com leis absolutas. A menor partícula que a ciência descobriu faz parte da grande organização universal e testemunha de um único e grandioso plano de desenvolvimento. Hermes Trismegisto expressa esta coesão geral pelas palavras: “O que está embaixo é como o que está em cima; o exterior é como o que está no interior”. E o escritor Mikhail Naimy, no Livro de Mirdad diz: “O acaso é o brinquedo dos sábios; os loucos são o brinquedo do acaso”.*

A RESPONSABILIDADE DE SEUS ATOS

A lei de Karma-Nêmesis surge quando a edificação do poder mental dos humanos já progrediu a ponto de ser possível torná-los responsáveis por seus feitos e gestos. Se uma criança comete faltas em sua inocência e inconsciência, ela não pode ser tida como responsável. A humanidade encontrava-se na mesma situação quando ainda era guiada do exterior. Ela ainda tinha muito pouca consciência para ter de pagar por seus erros eventuais. Mas, desde que o quarto veículo, o poder mental, desenvolveu-se, ela foi submetida a leis que diziam respeito à moral e à razão. Conseqüentemente, é claro, ela deve obedecer a estas leis e fazer com que sua conduta esteja de acordo com elas.

Este processo de desenvolvimento deveria ter terminado no final do período cristão. O Novo Testamento o confirma: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir” (Mateus, 5:17), e João testemunha (1:17): “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”. Na Primeira Epístola aos Romanos 10:4, Paulo diz a este respeito: “Porque o fim da lei é Cristo para a justiça de todo aquele que crê”. Enquanto não compreendermos as exigências do cristianismo — para não dizer enquanto não cumprirmos — a lei do karma conti-

nua a operar, a lei de causa e efeito: alegria e sofrimento, assim como toda a gama cheia de nuances das forças contrárias acompanharão inevitavelmente a humanidade sem rumo.

Muitos sábios esclareceram estas leis. Não para conduzir os homens decaídos no sentido de fazer o bem por medo do mal, ou para agrilhoá-los com a esperança de uma recompensa, tanto aqui embaixo como no além, mas para mostrar-lhes que um dia eles deveriam desligar-se conscientemente da dualidade da vida terrestre. É uma senda que colocará o buscador sério da verdade face a face com o processo que é resumido por estas palavras: “Jesus, a cruz e a ressurreição”.

O filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677) que foi expulso da sinagoga por causa da liberdade de suas idéias, escreveu em sua *Ética* (1677): “Aquele que é dirigido pelo medo e que faz o bem para evitar o mal, não é guiado pela Razão”. Agora que a humanidade entrou na era de Aquário e que ela deve deixar a fase de desenvolvimento anterior e daí tirar suas conclusões, o mundo inteiro testemunha que está submetido às tumultuadas retificações de Nêmesis, na seqüência de inúmeros séculos em que a humanidade deixou de ouvir completamente às exigências do plano divino. A conta dos atos errôneos ou não cumpridos nos foi apresentada. Os sinais que prenunciam a nova era já traçam suas linhas de força no éter do mundo, agora que muitos, em sua cegueira, continuam voltados para o passado, sem querer nem poder voltar-se para contemplar a aurora nascente. Mas também são inúmeros aqueles que são sensíveis a ela e já reagem aos acontecimentos que a anunciam. Entretanto, por falta de conhecimento ou de orientação, eles rapidamente perdem o rumo e ainda têm de dividir a sorte com aqueles que continuam ficando para trás. Nestes momentos, parece que a maior parte da humanidade já se desviou demais da fonte original e que muitos estão curvados sob o peso de

um fardo insuportável que os impede de voltar. É por isso que a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea esforça-se por entender o fio de Ariadne a todos os que um dia poderão descobrir sua “Pátria original” a fim de conseguir sair do labirinto das idéias religiosas, se realmente eles o quiserem, de verdade! Afinal, não se trata de uma nova filosofia, nem da enésima versão de um pensamento espiritual, nem do restabelecimento de velhos valores, de métodos ocultos, ou de técnicas de meditação, mas do caminho libertador, da força regeneradora que abre o caminho de transfiguração àquele que busca.

DEIXAR TUDO NA FRONTEIRA

As escolas espirituais autênticas edificam e mantêm um corpo ou campo gnóstico, com a única finalidade de introduzir no processo de transformação fundamental aqueles que se encontram nesta “no manís land” (terra de ninguém) que é a região fronteira. A Escola Espiritual atual chama a este estado como a consciência de Efésio — estado no qual o homem começa a perceber as aparências e a relatividade da existência da vida terrestre. Quem chegou a esta fronteira, sem dúvida está pronto para rejeitar seus supostos tesouros para seguir, em perfeita confiança e entrega, e com uma fé sólida, seu ardente anseio por regeneração, seu desejo de unificação com seu Criador.

Para estes buscadores, é certo que a atual Escola Espiritual Internacional da Rosacruz Áurea, o Lectorium Rosicrucianum, tem algo a dizer. O número daqueles que não se contentam mais com as autoridades estabelecidas e para quem as velhas instituições religiosas esvaziaram-se de sua substância cresce rapidamente. Em quase todos os países, aumenta o interesse por tudo o que a Rosacruz Áurea transmite ao verdadeiro buscador da verdade. Em todas as

partes do mundo elevam-se as vozes daqueles cuja fé, aspiração e experiência estão baseadas no mais puro cristianismo interior. Eles começam por deixar de lado as regras e os dogmas e querem seguir seu próprio caminho. Assim, livres, eles buscam um grupo ou uma comunidade que corresponde a suas aspirações e onde podem encontrar a compreensão e a força necessárias para seguir adiante no caminho de suas vidas. Não se trata de fugir do destino, mas de despedir-se interiormente desta vida de prisioneiro que eles antigamente se impunham. Impulsionados por um profundo desejo de liberdade, eles aspiram à reconciliação com a lei divina que protege o homem e o leva de volta para sua verdadeira Pátria.

Se a alma renasce um dia e consegue crescer, se ela encontra um dia o áureo caminho do meio, então as retificações vão sendo cada vez menos necessárias e o destino finalmente dará lugar à lei da nova vida, da nova alma, a lei do Amor divino que, assim como o sol que irradia para todos, bons ou maus, transmite-se sem distinção a toda a criação.

* Mikhail Naimy, *O Livro de Mirdad*, Lectorium Rosicrucianum, 1987, terceira edição.

O PODER DA PALAVRA

A palavra distingue o homem das formas de vida pretensamente inferiores. A linguagem pode influenciar os pensamentos e os sentimentos de um modo quase sempre bem mais cheia de nuances do que os outros sentidos. A pessoa se mostra tal como ela é por meio de sua linguagem. Às vezes, as palavras fazem sofrer mais que a violência física, mas elas também têm a capacidade de romper correntes e indicar a senda de libertação.

É bom que nos indaguemos como os seres humanos “nutrem” mutuamente seus pensamentos e sentimentos, pronunciando ou escutando palavras, e sobre o efeito que as palavras têm sobre a vida dos outros.

Vivemos em uma época em que estamos mergulhados em palavras. Todo o tipo de método oratório permite a um homem de negócios, por exemplo, ou a um político, ficarem acima de seus semelhantes. A discussão quase sempre leva ao ostracismo e à agressividade. Emprega-se o poder de sugestão da linguagem publicitária para implantar nos corações objetivos e desejos, a fim de levar as pessoas à ação direta. Assim, palavras perderam seu significado original e estão carregadas de forças ego-cêntricas. Palavras vazias dão testemunho de uma civilização vazia, em que todos os homens e as múltiplas forças de vida sobre a terra são levados à destruição.

AS PALAVRAS CRIADORAS

Até que ponto uma palavra é criadora? E de que tipo de criação estamos falando? Quem, depois de um longo dia de trabalho, reflete sobre o que este dia lhe trouxe, percebe que muitas palavras foram pronunciadas de um modo totalmente automático, enquanto que outras eram vazias ou incompletas e que algumas, talvez, alcançaram o caminho do coração de alguém que estava sofrendo.

Nos antigos mistérios, a palavra servia para designar um campo de vida totalmente diferente deste campo de morte. Esta palavra era qualificada de “criadora”, pois ela era capaz de evocar novas forças e novos poderes nos que a ouviam. É por isso que o “Salvador” também foi chamado de “a encarnação da Palavra”. Nos mitos, nas lendas e tradições, as palavras quase sempre têm uma outra significação, diferente das que possuem na vida cotidiana. Assim, a palavra “Deus” evoca, para alguns, um habitante do céu com aparência humana, mas poderoso, justo e perfeito, enquanto que, para aqueles que vêm nesta palavra uma força criadora, ela evoca uma força impessoal e impenetrável, de um poder infinito: o amor ou a causa primeira, que tudo penetra.

A palavra “morte” significa para a maioria o fim da existência corporal. Mas, para aquele que compreende a palavra criadora, esta palavra evoca o enfraquecimento da antiga personalidade inferior na alma superior imortal e divina. “Morro a cada dia”, diz Paulo. Não se trata de uma morte cheia de sofrimento e de tristeza, mas de uma elevação cotidiana rumo ao divino, de tal modo que a vida inferior continua, por si mesma, ficando para trás. Jacob Boehme diz: “Aprende a morrer antes de morrer: assim, serás capaz de morrer na hora de morrer” (Epitáfio escrito na igreja de

São João, em Gouda, na Holanda). A palavra “vida” geralmente faz alusão ao lapso de tempo entre o nascimento e a morte. Mas, para alguns, a vida significa o estado de ser do homem desperto, do homem divino. Comparado com este estado, a vida terrestre é sinônimo de morte.

UMA NOVA COMPREENSÃO DA PALAVRA

Quem estuda as tradições sagradas com relação aos diversos significados da palavra, descobre por si mesmo e por outros uma nova dimensão: a Palavra da alma imortal. O intelecto é capaz de captar a significação profunda e implícita de uma palavra. Para isto, é preciso, principalmente, ter consciência de que cada palavra está carregada por uma certa força, e que esta força determina o efeito desta palavra: será que ela é criadora, no sentido gnóstico, ou destrutiva, no sentido terrestre? Esta consciência indispensável se desenvolve quando o núcleo divino do coração da forma humana está em relação com a palavra criadora: a Palavra, o Verbo. Então, já não é somente o significado da “Palavra” que iremos captar claramente, nem a força da “Palavra” que iremos vivenciar, mas poderemos discernir também nitidamente a diferença que existe entre ela e a palavra comum.

Pela “Palavra criadora original” o Criador fala a sua criatura, cujo coração deve tornar-se silencioso, a fim de poder ouvi-la. É por isso que Lao-Tsé diz: “Se pudéssemos exprimir o Tao, já não seria o Tao eterno; se pudéssemos pronunciar a palavra, já não seria a palavra eterna”.*

O conceito chinês que traduz a palavra “Tao” é comparável à Palavra criadora da Gênese. Os que conseguiram compreender esta “causa primeira” e que aprenderam a ser e a agir em conformidade com ela transformam-se a si próprios e transformam a face do mundo. Eles não têm necessidade de buscar

e de inventar palavras novas, pois, quando seus atos seguem esta direção original, que é nova para eles, suas palavras agem de forma diferente, sendo capazes de libertar em outras pessoas a divina fonte interior.

Graças à Palavra, a vida de um ser humano se distingue da vida inferior, pois esta Palavra tem a capacidade de romper as correntes e de indicar o caminho de libertação.



“AO MAL, OFERECE O AMOR” (Preceito maniqueu)

“Amai os vossos inimigos”, diz Jesus no Sermão da Montanha: tarefa aparentemente irrealizável. “Amai os vossos inimigos... mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; ao que quer de mandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa” (Mateus, 5:44. 39. 40). O que resta destas palavras além de um frio dia de inverno? Mas... um certo Martinho, dando a metade de seu casaco a um pobre mendigo não as explicou da forma mais santificada? Por que então dar mais?

Estas palavras de Cristo foram e sempre têm sido interpretadas e esclarecidas de modo diligente, e muitos tentam cumprir esta tarefa ao pé da letra. Rapidamente, entretanto, estas pessoas começam a descobrir que mais vale deixar de interpretá-las literalmente como uma exigência tão excessiva: melhor ainda, é preferível renunciar a ela, pois quem age de acordo com estas palavras de Cristo acaba minando a própria base de sua vida.

Qual é a posição de outros movimentos religiosos quanto a este assunto? Será que o budismo, por exemplo, coloca uma exigência tão extrema a seus adeptos? Isto não está escrito em nenhum lugar, mas diz-se que Gautama, ou Buda, tirava do caminho até mesmo os besouros que encontrava, de medo de os esmagar. Não eram seus inimigos, mas não é possível imaginar que alguém que prova ter uma atitude como esta não esteja cheio de amor por seus inimigos ou que vá a seu encontro sem clemência.

Quem vê Cristo ou Buda como homens com uma moral particularmente elevada, rapidamente se engana. A frase dos maniqueus: “Ao mal, oferece o amor” certamente conduz aquele que busca para um pouco mais perto de seu objetivo. Realmente, não se trata de ninguém em particular, mas do mal enquanto fenômeno. Entretanto, também é possível haver um mal entendimento, pois qual seria precisamente o mal a que esta frase se refere?

VIVER FORA DE DEUS OU VIVER CONSCIENTEMENTE EM DEUS

Os maniqueus, os bogomilos, os cátaros e os movimentos gnósticos da Idade Média aderiam à doutrina das duas ordens de natureza. No século XX geralmente falamos a respeito destas religiões como “dualistas” mas realmente não se trata da mesma coisa. De acordo com a doutrina puramente gnóstica, o conceito de “mal” se relaciona a tudo o que pertence à natureza dialética, e também à vida material perceptível, como as formas de vida menos densas, situadas no além. Neste sentido, “o mal” não é o mal que se opõe ao bem deste mundo, mas “a vida separada de Deus”. Que se opõe à “vida consciente em Deus”. O bem e o mal terrestres são, portanto, relativos e dependem de circunstâncias que vão mudando a cada dia. Eles são opostos um ao outro como os dois pólos de um só e mesmo campo de força e, como tais, mantém o movimento deste campo.

Quando os maniqueus diziam: “Ao mal, oferece o amor” eles estavam querendo dizer que é preciso aniquilar e desintegrar o mal absoluto e substituí-lo

pelo amor absoluto.

É evidente que chamar isto de amor significa algo completamente diferente de ter como objetivo “um bom comportamento” baseado sobre uma moral, pois será que, depois de um certo tempo, o estado dialético da vida pode realmente ser aniquilado por este procedimento? A idéia dos maniqueus era, portanto, a seguinte: transformar a irradiação de natureza divina em uma força que envolve o mundo e a humanidade para impulsioná-los para seu verdadeiro destino. Para conseguir isto, é necessário realizar uma revolução interior, uma completa reviravolta do ser interno, que começa quando este ser volta-se conscientemente para a fonte de toda a vida. Triunfando sobre o ser terrestre, ele dá lugar ao plano de desenvolvimento divino original.

Este convite é dirigido a todos os que seguem Cristo até o pé da montanha, onde ele pronunciou o Sermão da Montanha: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos dele” (Mateus, 5:1).

A FORÇA CRÍSTICA IMPESSOAL

Todos estes buscadores da Verdade suprema desempenham o papel de transformadores da força crística cósmica em uma irradiação que tem o poder de agir sobre a terra, mesmo sem pertencer ao campo de vida mortal. Esta força é impessoal e irradia sobre tudo e sobre todos. Ela é plena de amor pelo mundo e pela humanidade, mas não do modo que os homens gostariam. O amor divino nada pede para si, mas penetra a criação inteira e mostra o estado

de vazio interior a cada criatura que o abandona, para que cada uma delas possa tornar-se consciente de estar apartada de Deus.

As reações são as mais diversas, variando da recusa total do amor divino até a uma imitação que se dá para tentar, deste modo, corrigir a dispersão do mundo e torná-lo aceitável por Deus. Oscilando entre o bem e o mal terrestres, sempre cada vez mais “almas mortas” vão despertando e compreendendo, então, que não se trata de corrigir o mundo, mas de vencer as forças que impedem que a alma possa retornar para o “reino que não é deste mundo”. Então, elas doam seu amor ao mal, para libertar os humanos de sua prisão.

AGITAÇÃO OU EQUILÍBRIO INTERIOR

“Sois vós mesmos quem criais o tempo; os sentidos são o relógio. Se parardes o movimento do pêndulo, então o tempo deixa de existir” (Angelus Silesius).

Um relógio comporta um mostrador, diversas rodas que se engrenam umas às outras e a âncora que transmite ao pêndulo a força da engrenagem. O pêndulo é uma peça que vai e vem, oscilando, com um movimento uniforme que regula o tempo. Também podemos considerá-lo como o coração do relógio. Quando seu movimento cessa, o relógio pára e já não é possível determinar a marcha do tempo.

O funcionamento de um relógio mecânico e os conceitos que se relacionam com ele apresentam uma analogia surpreendente com a frase de Angelus Silesius. Todos os homens sabem o que é movimento. Quem por acaso algum dia teve tempo de fazer tudo o que devia? O tempo parece estar indo cada vez mais depressa, e nós, os homens, ficamos sem fôlego para segui-lo. Muitas vezes gostaríamos de pará-lo, achando que teríamos mais tempo para fazer, com toda a tranqüilidade, o que ainda falta para ser feito. Esta idéia parece falsa, pois Angelus Silesius diz justamente que o movimento é a causa do tempo e não sua consequência. Olhando assim, de mais perto, o movimento e o tempo parecem idênticos. Nós somos escravos do tempo.

Será que existem duas espécies de movimento? Um exterior e outro interior? Angelus Silesius diz que são os sentidos que formam o relógio: que portanto os sentidos são o movimento pelo qual os homens criam seu mundo. Os sentidos são os instrumentos da cobiça,

do desejo de possuir as coisas do mundo. O desejo mantém o homem em constante movimento; os novos desejos criam novas agitações, que os sentidos devem finalmente fazer cessar. O desejo liga o homem ao reino do tempo-espaço. Ele é acorrentado a um corpo mortal e impulsionado pela agitação criada por seus desejos a ir e vir como o pêndulo de um relógio entre os pólos opostos do reino onde o tempo e o espaço fazem a lei. Assim o homem torna-se escravo de sua existência terrestre. Somente depois de inúmeras experiências, através de muitas encarnações no microcosmo, que a consciência descobre que a marcha do tempo não lhe traz nenhum descanso duradouro, mas sim a prende continuamente à armadilha de ilusões, sem dúvida, sempre novas para ela.

UM CORAÇÃO CALMO

Quem percebe o tempo como uma ilusão, encontra um lugar onde reina uma verdadeira tranqüilidade. Talvez ele tente encontrar caminhos que ainda serão exteriores por muito tempo, e irá forçar-se a ficar calmo, constringendo-se pela disciplina, mas também deste modo chega o momento em que ele vai perceber que este também não é o descanso de que fala a Bíblia: “Nosso coração agita-se até encontrar o descanso em ti, ó Deus”. Se tiver coragem o bastante, ele haverá de se esforçar para estudar como fazer, de tal modo que seu coração possa encontrar a paz em Deus. Na Bíblia, e em outros escritos sagrados, o leitor é muitas vezes aconselhado a renunciar a seus desejos e cobiças a fim de adquirir “o descanso do

coração”. Quem segue verdadeiramente estas indicações acumula muitas novas experiências. Ele consegue discernir cada vez melhor as influências exteriores ou interiores que causam a agitação, e pode então afastá-las, renunciando ao mundo exterior. Sua mudança interior já não será condicionada por fatores de tempo e ele conquistará a paz interior. Esta paz instaura-se depois do processo em que a alma prepara-se para receber o Espírito. Neste equilíbrio, ela já não se encontra sob a influência de todos os agulhões temporais dos sentidos.

Quando este equilíbrio vivo emana de alguém, que também trabalha para ordenar o mundo a sua volta, a agitação diminui, os conflitos vão-se resolvendo e as indagações geralmente vão encontrando suas próprias respostas. Inúmeros buscadores vivenciam, assim, o “descanso em Deus” como um momento bem mais sadio, sem agitação, muito mais do que um simples contrapeso às duras exigências da vida cotidiana, mui-

to mais do que uma simples base para viver sadiamente. São as forças que a alma recebe do campo de vida original divino que acarretam e mantêm este repouso regulador. É por meio dele, exclusivamente por meio dele, que ela pode viver! É o campo de vida no qual ela pode novamente participar, depois de um longo processo de libertação interior.

Equilíbrio
(Baixo relevo
em uma tumba
em Sakkara,
no Egito).



ASSUMIR OU NÃO ASSUMIR SUAS RESPONSABILIDADES

O conceito de “responsabilidade” está cada vez mais sendo empregado na vida cotidiana, a torto e a direito. Geralmente, entendemos por responsabilidade o fato de que, qualquer que seja a situação, devemos assumir as conseqüências de nossos atos. Em razão da lei de causa e efeito, o passado manifesta-se no presente e o presente determina o futuro.

Como cada um de nós carrega o peso do passado e é responsável por tudo o que vai acontecer, de que modo iremos viver se quisermos fugir dela ou mesmo rejeitar esta responsabilidade? Será que este dilema tem saída? A busca da resposta correta nos dirige para todo o tipo de orientação filosófica, religiosa e artística. Mas as considerações e expressões mais elevadas também são determinadas pela lei de causa e efeito. Quem realmente está buscando o significado de sua vida irá certamente encontrar a única resposta possível para esta indagação e compreenderá que é responsável por sua própria vida.

O sábio e filósofo judeu Martin Buber (1878-1965) estudou este problema em uma narrativa tão surpreendente que dela resolvemos fazer um resumo.

ONDE ESTAIS NO MUNDO?

“Quando o rabino van Reussen estava preso em St. Petersburg, o oficial da guarda veio até sua cela e começou a lhe falar a respeito de indagações que o preocupavam quando ele lia as Escrituras. Para terminar, ele lhe perguntou:

“Quando Deus, o Onisciente, interpelou Adão, dizendo: ‘Adão, onde estás?’ o que isto significa? O rabino lhe respondeu fazendo uma outra pergunta: ‘Acreditas que a Escritura é eterna e engloba todos os tempos, todas as gerações e todos os homens?’ Ele respondeu: ‘Sim, creio’. Então o rabino continuou: ‘Então, Deus pergunta a cada um, todo o tempo: ‘Onde estás neste mundo? Tantos anos e dias se passaram e onde chegaste durante este tempo todo?’ Para vós a pergunta seria: ‘Já viveste sessenta e quatro anos... onde estás agora?’

Quando o oficial da guarda ouviu o rabino dizer sua idade, pôs-se em pé, colocou a mão no ombro do outro e gritou: ‘Muito bem!’ Mas seu coração batia violentamente!”

O que se passa nesta narrativa? O oficial pede uma explicação do texto bíblico da queda (Gênesis, 3). De acordo com a resposta do rabino, este parece considerar o oficial como se fosse o próprio Adão, chamado por Deus. E mais: ele também explica o sentido do texto, mas afirma que este pode ser aplicado a todos os homens, onde quer que se encontrem. Quando Deus faz esta pergunta, ele não quer que as pessoas lhe respondam aquilo que ele já sabe: ele quer despertar e estimular a consciência do erro, do pecado. Adão, o ser humano, esconde-se para não ter de prestar contas. É o que todos os homens fazem. Escondem-se como Adão e esforçam-se por jogar a culpa em seu próximo.

ASPIRAR À SEGURANÇA E À CERTEZA

A existência terrestre torna-se, para

ele, uma espécie de abrigo onde ele quer sentir-se em segurança. Mas, quanto mais ele se esconde diante da face de Deus, mais ele se atrapalha consigo mesmo. Em outras palavras: quem se afasta do olhar de Deus, esconde-se de seus próprios olhos. Desvia-se daquilo que, dentro dele, busca a Deus, e cada vez mais sente-se mal ao receber a resposta boa e correta. Esta pergunta que Deus faz a Adão refere-se, certamente, a esta situação. O criador quer estimular os homens, destruir seu abrigo e devolver-lhes a liberdade. Ele quer fazer com que vejam onde poderão chegar se continuarem escondendo-se mais profundamente, mas também quer mostrar-lhes qual é sua Pátria. Seu chamado desperta o desejo de sair desta situação difícil. Será que o homem vai escutar este chamado, será que ouvirá esta pergunta e ousará dar-lhe uma resposta dentro de si mesmo?

AUMENTAR O PODER OU QUEBRAR O CÍRCULO

O oficial sentiu seu coração bater violentamente quando esta pergunta lhe foi feita pessoalmente. Será que o mesmo acontecerá para nós? É bem possível que não ouçamos o chamado de Deus, ou que o rejeitemos. Tanto isto acontece, que ainda não descobrimos a vida original. Quem consegue muito sucesso e aproveita os prazeres da vida terrestre; quem amplia seus poderes e abraça negócios importantes, este haverá de continuar andando em círculos... a menos que perceba e compreenda esta pergunta divina: "Onde estás?"

Adão compreendeu que sofreu uma

queda. Ele reconhece isto e diz "estou escondido". Neste momento, começa seu caminho terrestre, cheio de sofrimento. A partir daí, ele é responsável por si mesmo. Mas, este mesmo momento pode representar para alguns o fim do sofrimento. Refletir sobre sua própria condição pode dar uma compreensão clara e mostrar a porta que dá para um caminho totalmente novo.

QUE A ALMA ABRA SUAS ASAS!

Dédalo, que construiu o labirinto de Knossos, confeccionou para si mesmo e para seu filho Ícaro asas de plumas e de cera a fim de escapar ao veredicto do rei Minos. Ora, apesar da advertência de seu pai, Ícaro voou para muito perto do sol, a cera derreteu-se e ele foi precipitado no mar.

Não se sabe por que Ícaro não escutou seu pai. Por temeridade, talvez? Será que ele não percebia o perigo? Em muitos quadros Ícaro é representado como um jovem aparelhado de asas e subindo ao céu para atingir o sol. Será que ele queria unir sua alma à luz irradiante do sol flamejante?

A pessoa que, em êxtase místico, tenta deste modo ultrapassar os limites inerentes a sua natureza, vai perceber que não tem meios para isto. O calor do sol faz com que a cera se derreta, suas asas começam a pegar fogo e ele cai novamente, de volta à terra. É o que acontecia com Ícaro. Entretanto, seu corpo não se despedaçou nos rochedos, mas desapareceu no mar Egeu. Assim, é sugerido que ele não se perdeu no abismo de trevas do Hades, mas que foi recolhido pela “água da vida”, purificadora, salutar, segura, e assim foi guiado rumo ao Reino das Almas Imortais.

De um modo bastante diferente, aparece uma outra personagem dos mitos gregos. Prometeu, filho de um titã e de Têmis, deusa da justiça e filha de Urano, desempenha o papel de um jovem, mas de um jovem amadurecido. Querendo mostrar a Zeus, o pai dos deuses, uma nova raça humana, ele criou um homem capaz de determinar sua pró-

pria vida livre e independente dos deuses. Para tanto, foi-lhe dado o fogo do Olimpo, que conserva a vida. Zeus castigou Prometeu e o prendeu com correntes à matéria, a um rochedo, no Cáucaso. Todos os dias, um abutre vinha e devorava seu fígado, que era refeito a cada noite. Hércules, filho de Zeus, não podendo suportar mais a visão desta tortura, libertou Prometeu, abatendo o abutre com uma flecha.

Em todos os tempos os artistas tentaram representar o destino de Ícaro e de Prometeu, tanto em literatura como em escultura, pintura ou no teatro. E a razão disto não é certamente a vida dramática destes heróis: por um lado, Ícaro representa o desejo que é próprio do homem de elevar-se das trevas da terra rumo ao infinito luminoso do espaço infinito; e, por outro lado, Prometeu traduz esta idéia em suas palavras: “Criemos um mundo a nossa imagem, que obedeça somente a nós mesmos!”

E então, o homem não é realmente chamado para a liberdade? E por que, então, ele é punido tão cruelmente quando ele tenta conseguir esta liberdade?

O ERRO DE PROMETEU

A terra é linda, com suas estações que vão mudando a cada ano, seus riachos encantadores, suas flores selvagens e seus imensos oceanos. Lá no alto, erguem-se os picos das montanhas, cobertas de neve, projetando-se sobre os vales verdes; mais acima, a cúpula do céu vai-se arredondando, repousando sobre os poderosos ombros de Atlas, o irmão de Prometeu, e daí vêm correndo nuvens, como riachos

em ondas férteis para logo mais, à noite, recobrir a humanidade adormecida com um manto de milhares de estrelas, e entre elas os planetas descrevem suas órbitas.

Quem poderia dizer que a terra não é bela? Ela é o mundo para o qual o filho dos deuses, Prometeu, moldou o homem da argila úmida da terra. Ele deu a cada animal uma propriedade para oferecê-la a este homem a quem apenas faltava a vida. Segundo a lenda, Prometeu acendeu uma tocha no carro do sol, a fim de que este fogo celeste desse vida a sua criatura. Assim a terra povoou-se, para grande satisfação dos deuses que desceram dos céus para concluir um pacto com os homens: eles desejavam protegê-los e, em contrapartida, queriam ser adorados e receber sacrifícios.

Oferecer sacrifícios aos deuses? Por quê? Prometeu, que podia prever tudo, teria criado esta raça humana para isto? Seria para isto que ele teria trazido o fogo até eles, e ensinado a arte de fazer potes e outras artes: seria para isto que ele lhes havia ensinado suas capacidades espirituais, e a desenvolver uma civilização?

Prometeu havia criado um novo mundo! Sem tomar exemplo de nada, ele havia feito surgir a beleza com uma riqueza infinita de formas, sempre novas. Suas mãos formavam o que seu próprio espírito criador idealizava. Poderia imaginar uma vida sem beleza? Sem beleza, será que a vida pode realmente continuar? Quem gostaria de viver sem ela?

Entretanto, a terra não conhece somente a beleza: ela conhece também a doença, a fome, a guerra, as preocupações e as desgraças. Tudo porque Zeus fez descer sobre a terra a encan-

tadora "Pandora", que havia reunido todo o mal e o sofrimento imagináveis em um vaso de argila, que ela derramou sobre o mundo. E assim o pai dos deuses puniu a desobediência dos homens. Mas, tocado de piedade, e para não fazê-los sucumbir completamente sob o peso do sofrimento, ele lhes deixou a esperança dentro do coração.

O homem terrestre está ligado às forças contrárias da natureza dialética. Seus desejos de liberdade fazem nascer, ao mesmo tempo, a opressão. Por detrás da beleza, sempre se perfila a sombra da queda. Nada pode escapar à dependência entre os dois pólos. Este foi o erro, o pecado de Prometeu. Enquanto Prometeu e suas criaturas quiserem transformar o mundo das forças contrárias em um paraíso, o erro de Prometeu ganhará terreno e fará valer seus direitos, pois a morte e a decadência estão neste paraíso! Ora, eles determinam não somente o curso da vida da personalidade, mas também o curso das civilizações e das idéias onde elas estão baseadas.

Entretanto, o mérito de todas estas personalidades rebeldes, no decorrer da história, é o de terem tentado despertar a humanidade, sacudindo-a de sua preguiça estúpida e egoísta, através de impulsos sempre renovados. Pode ser que seus fracassos acabem abrindo os olhos de todos aqueles que antigamente os aplaudiam. O mito de Prometeu fala-nos de um irmão dele que chamava-se Epimeteu: o homem que ainda tem a compreensão. Sem ele, a humanidade não teria experimentado a nova consciência e o indivíduo não perceberia conscientemente seus atos. A humanidade jamais teria percebido que estava acorrentada à matéria, como criação de Prometeu. Graças a



Epimeteu, a imagem da vida imperecível, que cada homem carrega em si, apesar de profundamente oculta, não foi apagada pela ilusão, pela mentira, pela impostura, pelo egocentrismo e pela especulação.

QUAL É A MENSAGEM QUE ESTES MITOS TRANSMITEM?

Os mitos relatam geralmente experiências de um passado muito longínquo. Eles sempre estão relacionados com indagações do tipo: Onde estou? De onde venho? Por que o homem é conduzido pelo destino, e quem determina este destino? As respostas a estas perguntas são simbolizadas por acontecimentos e provas que dizem respeito a deuses ou a forças da natureza personificadas, em relação com os deuses superiores. As ações heróicas assim descritas e a intervenção dos deuses podem receber explicações que geralmente são diferentes, mas que

sempre estão de acordo com as peripécias que os personagens principais atravessam. Vistos superficialmente, estas narrativas parecem estar sempre se contradizendo, mas, olhando de mais perto, aparecem sempre dois motivos básicos, semelhantes aos de Ícaro e de Prometeu.

A palavra “mito” não deve evocar somente um passado muito longínquo. No tempo em que eles surgiram, eram muito atuais. Em cada época (e aí devemos compreender também nosso século XX, tão esclarecido), sempre houve mitos que glorificam os heróis do campo de batalha, da política, da arte, da ciência e da religião. Eles sempre foram rodeados por uma auréola de sublimidade sobrenatural, e ainda o são.

Atualmente o céu está povoado de ídolos do show-business, da política, do cinema e do esporte. Eles se sucedem e se intercambiam e são substituídos de acordo com o contexto. Assim, neste momento, paga-se tributo ao “deus do consumo” e ao “monstro da tecnologia”. Mas há sempre indagações que são tão velhas quanto o mundo, exatamente como o primeiro homem do início da evolução terrestre da humanidade: “Quem sou? De onde venho? O que determina meu destino?”. E estas perguntas são sempre respondidas, como no passado. São todos os esforços feitos com o objetivo de uma certa realização do mundo dialético (sob a direção dos deuses que este mundo criou para si mesmo) que determinam seu destino. Mas os mistérios iniciáticos imperecíveis da Gnosis universal sempre revelaram a origem da humanidade àqueles que estão dispostos a entregar-se a ela. Basta apenas adaptar à época a linguagem e a simbologia que permitem transmitir as lições da vida.

COMO EXPLICAR A CONDIÇÃO HUMANA?

As forças das duas naturezas opostas agem em cada ser humano. Graças

Tendo rompido a harmonia entre ele e o cosmos, Tântalo criou seu próprio inferno (Biblioteca Nacional, Paris).

à centelha divina da alma-espírito original, presente dentro dele, ele começa a pôr em dúvida se existe ou não algo como imortalidade. Ele aspira a esta liberdade e busca incansavelmente na terra toda o que esta terra não lhe pode oferecer. De fato, o homem é feito de matéria e portanto somente pode manifestar-se no campo da matéria. Ele está inexoravelmente submetido à lei da vida animal, o que lhe inspira um grande cansaço e o encoraja a ultrapassar os limites desta vida. Mas ele se debate continuamente contra as paredes de seu próprio ser e sente-se rejeitado. Apesar disso, todas estas tentativas finalmente desatam um pouco os laços que o mantêm preso e fazem com que ele possa entrever a libertação. Mas isto é apenas uma aparência: logo ele cai novamente e deve aceitar seu aprisionamento, ou empreender um novo esforço melhor preparado.

Ou então... ele fica de tal forma apaixonado por suas próprias criações, que se considera o único senhor e mestre de si mesmo, recusando-se a reconhecer seu criador! Neste caso, ele faz tudo para tornar sua vida terrestre o mais agradável possível e para se proteger de eventuais catástrofes.

O que esta tentativa lhe traz de bom? Será que ele quer realmente escapar da "vida da morte"? Um simples verso poético pode tirar-lhe a tranqüilidade e reanimar seu desejo de liberdade:

“Quando eles chegam,
e te atacam,
sobre ti se precipitam:
luta e cólera,
ódio e calúnia...
Portanto, jamais te esqueças
de que possuis duas asas!”
(Cesar Fleischlen)

A ALMA PODE TER ASAS

Sim, qualquer homem pode adquirir asas de acordo com suas possibilidades

e sua consciência. Mas será que ele voará rumo ao paraíso que criou para si mesmo? Será que ele sentirá este vôo inebriante? Será que vai sonhar novamente, enganando-se a si mesmo, achando que suas asas ocultas ou místicas o levarão rumo a novas alturas espetaculares? Será que vai criar a beleza para substituir seu deus desconhecido? Será que vai agarrar-se assim a sua própria pessoa, a sua própria escravidão? Ou será que vai manter-se preso, nervosamente, à roda que o eleva da terra até o mundo obscuro da morte e que o faz descer em seguida à matéria grosseira, para uma nova volta na roda, e assim por diante?

E, quando finalmente, em sua aflição, ressoar dentro dele a voz original, e quando ele começar a compreender esta voz, que ele sempre abafou, fechando-a na fortaleza de seu eu, seu desejo haverá de libertar-se e ele vai querer abrir suas asas, as asas capazes de torná-lo forte o bastante para elevar sua alma, renascida graças ao amor desinteressado, sobre todos os obstáculos, até o Reino de Luz da Gnosis.

E assim, as leis do espaço e do tempo, do ser e do não ser vão perdendo seu poder. Então, ele tem de escolher: ser livre em Deus, ou continuar preso a uma imitação de Deus.